



Tomás Quental Mota Vieira

Recuperar urgentemente uma casa histórica no Pico da Pedra

Está num estado de visível degradação uma casa histórica na freguesia do Pico da Pedra, no concelho da Ribeira Grande. Digamos que a “história” que trago aqui hoje começa com o dr. António Augusto da Mota Frazão (1809-1892), brilhante professor e reitor do velho Liceu Nacional de Ponta Delgada, que também passou pela política. Foi, igualmente, proprietário agrícola. Nasceu e morreu no Pico da Pedra, que muito defendeu e muito amou.

Casou com Francisca Ermelinda Moreira da Câmara, filha de António Moreira da Câmara Coutinho de Melo Cabral e de Ana Felisberta Botelho de Gusmão, ambos pertencentes à mais ilustre linhagem aristocrática da ilha de São Miguel.

António Augusto e Francisca Ermelinda foram pais de Aristides Moreira da Mota e de Dinis Moreira da Mota, igualmente figuras maiores da vida pública açoriana, desde logo convictos defensores da Autonomia administrativa regional. Integraram, com grande convicção e maior paixão, o I Movimento Autonomista Açoriano, ainda em pleno regime monárquico, na defesa dos legítimos e superiores interesses dos Açores, visando o progresso destas ilhas e a promoção dos seus habitantes.

Como sabem, muito sucintamente, o dr. Aristides Moreira da Mota (1855-1942) foi político, advogado e professor no velho Liceu Nacional de Ponta Delgada. O seu irmão Dinis Moreira da Mota (1860-1914) foi engenheiro civil e também político. Esteve diretamente ligado a várias importantes obras públicas realizadas quer no Continente quer nos Açores, com destaque para a construção do porto artificial de Ponta Delgada. Dedicou-se também à agricultura em propriedades familiares e defendeu o associativismo agrícola. Ambos foram deputados às Córtes (o parlamento monárquico), onde apresentaram um projecto de lei que conduziu à promulgação do célebre Decreto de 2 de Março de 1895, que permitiu autonomia administrativa aos distritos açorianos que a desejassem. Aproveitaram esse regime administrativo os distritos de Ponta Delgada e de Angra do Heroísmo, enquanto o distrito da Horta não manifestou interesse.

As esposas dos irmãos Aristides Moreira da Mota e Dinis Moreira da Mota eram igualmente irmãs: respectivamente, Maria Luísa Botelho Riley e Maria Margarida Botelho Riley, filhas de pai de origem inglesa, Carlos Guilherme Riley.

A casa desta família tão ilustre e prestante no Pico da Pedra foi doada à Igreja Paroquial local. A Igreja Paroquial do Pico da Pedra não era obrigada a aceitar a doação. É preciso realçar, com todo o respeito e sem qualquer ofensa, que a partir do momento em que aceitou a doação ficou obrigada a preservar o edifício oferecido. De resto, quem doou fê-lo esperando, como é óbvio, que a casa seria conservada, o que, estranhamente, não tem acontecido.

Efectivamente, essa casa encontra-se visivelmente degradada, o que se lamenta, por todos os motivos. A Igreja Paroquial do Pico da Pedra ainda deu inicialmente alguma utilização à casa, mas depois, pelo menos aparentemente, abandonou-a. Vi umas imagens dessa casa e, sinceramente, não gostei: a doação não tem sido respeitada.

Trata-se de uma casa plena de História, pois nela viveram figuras maiores da nossa terra. As memórias de António Augusto da Mota Frazão, Aristides Moreira da Mota e Dinis Moreira da Mota, por tudo o que representam, exigem uma solução urgente para a antiga casa da família no Pico da Pedra, que passa pela recuperação e devida utilização. A população do Pico da Pedra não está satisfeita com a situação de degradação daquela casa.

A dr^a Paula Cabral, competente professora do Ensino Secundário e talentosa escritora, natural do Pico da Pedra, tem lamentado na rede social Facebook o estado de abandono dessa casa e tem pugnado pela sua recuperação, mas sem resultados. Venho, pois, reforçar aqui a posição, a todos os títulos meritória, da minha querida e simpática amiga Paula Cabral. Essa casa, se não for rapidamente intervencionada, caminhará sem remédio para a ruína, o que não é correto, não é justo e não é aceitável.

Essa família Mota deixou um notável exemplo de grande amor aos Açores, de cidadania muito activa e de vincado empenho no progresso desta nossa bela terra. Há uma escola no Pico da Pedra que ostenta o nome de António Augusto da Mota Frazão. Há uma rua no Pico da Pedra com o nome de Dinis Moreira da Mota. E existe uma rua em Ponta Delgada com o nome de Aristides Moreira da Mota. Falta agora recuperar a casa que lhes pertenceu no Pico da Pedra, sem mais delongas. Paula Cabral garante que a Igreja Paroquial “tem património e dinheiro para restituir a dignidade que o edifício merece!”. De resto, a antiga casa do passal no Pico da Pedra, propriedade igualmente da Igreja Paroquial, também está ao abandono. O que se passa?

A padroeira do Pico da Pedra é Nossa Senhora dos Prazeres, tão da devo-

ção da população local. A palavra Prazeres aqui é interpretada por muitos no sentido das alegrias vividas por Nossa Senhora, principalmente ao ser Mãe de Jesus. Seria também um grande prazer ou uma grande alegria para todos se a Igreja Paroquial se dispusesse a recuperar a casa da família Mota e, já agora, também a casa do passal. É pedir muito? A Igreja Paroquial do Pico da Pedra, que todos respeitam e querem bem, só ficará a ganhar se conservar e valorizar o património que lhe pertence e que carece de obras de restauro.

Ao longo das gerações, a referida família Mota dispersou-se, principalmente, pela Ribeira Grande, Ponta Delgada e Lagoa, mas tendo sempre como referência a origem no Pico da Pedra.

Um dos elementos mais carismáticos dessa família foi o dr. Leonardo de Morais Mota (1907-1982), que foi um dos últimos aristocratas da ilha de São Miguel. Vivia na bela e grande Quinta do Termo, na Lagoa. Homem culto, inteligente e apumado, nunca se adaptou ao evoluir do tempo e da sociedade. Trajava a rigor à moda antiga e fazia-se sempre transportar, por vezes acompanhado da esposa, num coche, conduzido por um cocheiro fardado. As pessoas paravam na rua para ver passar esse carro de cavalos pretos e luzidios. O sentimento era, ao mesmo tempo, de admiração e incredulidade por em plena época do automóvel ainda haver quem recorresse a um carro de cavalos para se deslocar no dia a dia. Esse coche surgia, por vezes, parado na Rua do Mercado, em Ponta Delgada. Não havia dúvida: era o dr. Leonardo de Morais Mota a visitar o seu grande e velho amigo dr. João Bernardo de Oliveira Rodrigues - ilustre professor liceal, distinto historiador e provedor da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres - na sua residência. “Ele quando entra aqui são duas horas”, dizia com algum humor o diligente cocheiro a pessoas que conhecia, enquanto tentava acalmar os bonitos cavalos, que se agitavam um pouco pela longa demora. O dr. Leonardo de Morais Mota, que usava longas barbas brancas, pelo seu estilo e pelo seu modo de vida, parecia mesmo que vivia no século XVIII.

À semelhança de todos, o dr. Leonardo de Morais Mota obviamente que ficaria muito satisfeito se recuperassem a antiga casa da sua família no Pico da Pedra, ele que foi sempre muito zeloso no tratamento da Quinta do Termo e na conservação do respectivo palacete. E, concluídas as obras, não deixaria certamente de ir à inauguração da renovada casa, transportando-se - claro está! - no seu lindo e pitoresco coche puxado por imponentes cavalos.

Ficamos à espera de boas notícias da Igreja Paroquial do Pico da Pedra quanto à matéria em apreço, como positivo contributo para uma terra de tantos e tão bons pergaminhos e que ao longo dos anos produziu vários intelectuais. Não sou do Pico da Pedra, mas gosto do Pico da Pedra e dos seus valores! Aproveito para dirigir uma palavra de muita amizade a Osvaldo José Vieira Cabral, competente diretor-executivo do Diário dos Açores e cuja família é oriunda do Pico da Pedra, reconhecido que estou por ele acolher neste jornal os meus modestos e despreziosos artigos, que traduzem, acima de tudo, o meu amor à terra natal.

